



GT 81. Dimensões políticas da Antropologia do Esporte: legados dos estudos de Simoni Lahud Guedes

Coordenador(es):

José Ronaldo Mendonça Fassheber (UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná)

Em 1977 Simoni Lahud Guedes defende sua dissertação de mestrado no Museu Nacional (UFRJ) intitulada “Futebol Brasileiro: instituição zero”. Tal pesquisa inaugura, na Antropologia, os estudos sobre futebol e prenuncia, evidentemente, um inédito campo de Antropologia do Esporte no país. Apesar do trabalho citado não ter sido publicado na íntegra, direta ou indiretamente influenciou, em anos subsequentes, professoras/es e pesquisadoras/es, que se lançaram em pesquisas sobre o futebol e seus elementos constitutivos e sobre problemáticas desta nova subárea de conhecimento. A partir deste cenário instituído e da importância crescente que ganha o esporte enquanto objeto de análise na atualidade, o objetivo deste GT é resgatar o legado de uma produção antropológica sobre esportes, que possa dar conta da envergadura e da importância dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos em âmbito regional/nacional (e também em comparação com América Latina) nas temáticas discutidas na produção acadêmica da Simoni Guedes, nos últimos 40 anos: antropologia do corpo, futebol e identidade nacional, dimensões sociais e políticas do esporte, situações de conflito entre torcedores de futebol, socialização e profissionalização via esportes, políticas públicas esportivas no Brasil e/ou na América Latina, e estudos antropológicos de práticas esportivas. Para tanto, o GT aceitará pesquisas concluídas ou em andamento, de mestrado, doutorado ou pós-doutorado vinculadas de alguma maneira a tais temáticas.

Os limites e os riscos de um desvio curricular: Relato de experiência de um pesquisador e torcedor sobre moralidades e masculinidades no futebol.

Autoria: Felipe Carlos Damasceno e Silva (Sem filiação)

Este work aborda sobre uma experiência de uso indevido de imagem e perseguição ideológica ocorrida comigo dentro de um estádio de futebol, atravessando consequências fora dele, enquanto pesquisador e torcedor que costuma ir aos jogos do Clube do Remo, da cidade de Belém do Pará, desde criança, há 23 anos. De início, parto da categoria de currículo de masculinidades no futebol - inaugurada por Bandeira (2010) no campo da educação - para mostrar como a minha formação como torcedor foi construída ao longo de toda a minha trajetória de vida através de práticas educativas fomentadas por pessoas mais velhas ? em destaque para o meu pai ? pautadas em parâmetros de masculinidades tidas como hegemônicas (Connell, Messerschmidt. 2013). Ao longo desses anos, visando tornar-me um ?? verdadeiro torcedor??, aliei-me a grupos de torcedores e, diversas vezes, performatei práticas sexistas, racistas, capacitistas, ageístas, xenófobas e LGBTQI+fóbicas, sem me preocupar com as consequências de tais atos, visto que eles são, historicamente, naturalizados nos ambientes futebolísticos como sendo ??parte do espetáculo??. No ano de 2016, após as tensões que desembocaram no golpe parlamentar que destituiu do poder a primeira presidenta do Brasil, passei a sensibilizar-me sobre a incoerência das práticas citadas, e no ano de 2017 ingressei em um grupo de pesquisa na Universidade Federal do Pará de caráter antirracista e antissexista. O aprendizado adquirido neste grupo me proporcionou certa sensibilidade quanto à importância de se combater as opressões nos ambientes futebolísticos e na sociedade de modo geral. Essas pequenas mudanças de postura associadas às tensões oriundas da polarização ideológica cada vez mais evidentes no Brasil fez com que eu me afastasse de alguns grupos de torcedores do meu Clube e mantivesse relações cada vez mais instáveis com outros. Até que no primeiro semestre do ano de 2019 o fato ocorrido no início deste resumo sacudiu a minha vida, em destaque para novas alianças estratégicas feitas no âmbito das sociabilidades nos



estádios de futebol e mudanças no meu objeto de estudo como pesquisador do campo da antropologia. Após detalhar esses fatos em diálogo como alguns estudos antropológicos sobre gênero e masculinidades, objeto mostrar como os meus privilégios de gênero e racial possibilitaram que o meu desvio curricular me mantivesse íntegro fisicamente até o momento. Por fim, chamo atenção para a urgência de novas pesquisas antropológicas que possam subsidiar políticas públicas de combate às opressões nos ambientes futebolísticos.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: